

ENSINO DE FILOSOFIA: ONDE RESIDE O PROBLEMA?

Philosophy Teaching: Where is the issue?

Maurício Silva Alves¹

Resumo: Há de fato, uma diferença entre as duas carreiras docentes, e não é em essência, mas em condições de trabalho, uma para as a realização pessoal e profissional e outra que não oferece a mesma possibilidade. Nesse sentido, desenvolver um ensino de filosofia eficaz, pressupõe não só a utilização dos textos clássicos dos filósofos que fizeram e promoveram a perpetuação da filosofia como apenas mais uma disciplina do currículo, mas como um distintivo que possibilite o desenvolvimento da criticidade dos alunos do Ensino Médio por meio de um tratamento contextualizado do programa da disciplina. Finalmente, ao contrário do que defendem muitos críticos do ensino da Filosofia no Ensino Médio, a presença da filosofia associada aos textos filosóficos em conexão com os demais componentes curriculares numa prática interdisciplinar, está longe de levar os adolescentes a uma eventual adesão a propostas ideológicas, de doutrinação e possível adesão ao dogmatismo, ela é condição primordial para que se revistam de uma postura crítica frente aos dogmas que impregnam não só o senso comum da contemporaneidade, mas também os dogmatismos que perpassam até mesmo o discurso científico.

Palavras-Chave: Coerentismo, Lehrer, aceitação, competição, justificação.

Abstract: *There is indeed a difference between the two careers teachers, and not in essence but in working condition , one for personal and professional achievement and one that does not offer the same possibility . In this sense, developing an effective teaching philosophy presupposes not only the use of the classic texts of philosophers who made and promoted the perpetuation of philosophy as just another subject in the curriculum , but as a badge enabling the development of the criticality of the education students East through a contextual processing of the subject program .Finally , contrary to defend many critics of the teaching of philosophy in high school , the presence of philosophy associated with philosophical texts in connection with other curriculum components in an interdisciplinary practice is far from leading teenagers to eventual membership to ideological proposals , indoctrination and possible accession to dogmatism , it is paramount condition for which are of a critical attitude in relation to the dogmas that pervade not only the common sense of contemporaneity , but also the dogmatism that permeate even the scientific discourse.*

Keywords: Teaching Philosophy. Innovation. Knowledge. Justification.

Introdução

Desde a aprovação da Lei nº 11.684, de 02 de junho de 2008, as questões sobre o Ensino da Filosofia² tem tomado amplamente diversos âmbitos teóricos. De um lado tem-se a abordagem de autores que defendem o ensino de filosofia numa perspectiva filosófica e não pedagógica. Mas em que sentido essa visão pode promover o contato com os conhecimentos filosóficos na sala de aula do Ensino Médio, tendo como recursos didáticos os próprios textos dos filósofos de forma contextualizada? Mas, como contribuir para que o aluno possa ter uma experiência filosófica a partir do debate de ideias? Como gerar

¹ Mestre em Filosofia/PUCPR.

² BRASIL. Lei nº 11.684, de 02 de junho de 2008. Para o resgate a história completa da luta que levou à promulgação dessa lei, que emenda a LDB 9394/96, precisando o sentido em que deve ser tomada a presença da Filosofia e da Sociologia no currículo do Ensino Médio, pode-se ainda consultar HORN, G. B. *Ensinar Filosofia: pressupostos teóricos e metodológicos*. Ijuí: Unijuí, 2009.

situações-problemas e questionamentos críticos apresentados pelos filósofos em suas obras em conexão com outras disciplinas do currículo sem perder a autonomia da filosofia?

Questões como estas podem ser respondidas quando Júnior apresenta o seguinte:

O verdadeiro problema, porém, está mais oculto do que aparece na superfície os argumentos: trata-se de uma visão preconceituosa quanto ao professor da educação básica. A dicotomia existe porque, velada ou abertamente, muitos acadêmicos consideram a atividade de professor de filosofia, na Educação Básica, como um abandono da vida acadêmica e, portanto, um afastamento do mundo intelectual. Nessa perspectiva, fica completamente sem sentido preparar os alunos da graduação de filosofia para serem professores da Educação Básica, pois significaria prepará-los para abandonarem o curso que fizeram.³

O que se quer dizer aqui, é que o Ensino de Filosofia no Ensino Médio⁴ em sua essência não é intelectualmente inferior à docência universitária, já que ambos possuem suas técnicas e aportes teóricos específicos. Há de fato, uma diferença entre as duas carreiras docentes, e não é em essência, mas em condições de trabalho, uma para as a realização pessoal e profissional e outra que não oferece a mesma possibilidade.

Apesar da existência de uma visão equivocada de que os professores da educação básica não são tão intelectuais quanto os universitários não deixam de ter certa acuidade, quando se constata que os professores que permeiam a carreira da educação básica acabam se afastando da continuidade dos estudos acadêmicos e permanecem somente na função de professores, o que evidentemente, se torna um motivo de atrofiamento para a realização profissional e pessoal.

Os motivos para esse afastar-se dos estudos acadêmicos são os mais diversos, dentre eles se pode elencar os seguintes: A falta de um plano de carreira atrativo nas redes estaduais de ensino do Brasil; a distância entre a cidades onde residem e as universidades que possuem pós-graduação a nível de mestrado e doutorado; os custos elevados dos cursos de pós-graduação e extensão. Sem dúvidas esses são alguns dos motivos que acabam afastando o professor da educação básica do chamado ambiente acadêmico e procurando um desenvolvimento mais autônomo da profissão.

Entende-se aqui por desenvolvimento autônomo da profissão que o Ensino de Filosofia está sendo realizado a partir das práticas desenvolvidas em sala de aula. Tais práticas educativas levam em conta certas características que compõem sua estrutura elementar que segundo Campaner:

³ JÚNIOR, José Benedito de Almeida. *Metodologia do ensino de Filosofia*. Uberlândia MG, 2007, p.3. Disponível em: <<http://www.lae.fi.defil.ufu.br/Arquivos/metodologiadomensino.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

⁴ Presente no Ensino Médio como componente curricular, a Filosofia deve conversar não apenas com as Ciências Humanas, mas com componentes de todas as áreas do saber e com a parte diversificada do currículo escolar, mantendo-se, todavia, fiel às especificidades que justificam a sua inserção no currículo dessa etapa final da Educação Básica. Na medida em que deve contribuir para a formação do estudante como agente articulador e transformador de saberes, capaz de questioná-los, corroborá-los ou melhorá-los, é de fundamental importância que a Filosofia seja apresentada em cada um dos três anos do nível médio conectada com a vida e problemas, escolares, políticos e existenciais. Os processos de mediação docente podem variar, desde que não se perca o protagonismo do/a estudante na oportunidade do filosofar. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em 22 de set.2015.

Certas características devem ser levadas em conta quando se pensa a presença da Filosofia no Ensino Médio: 1) o fato de ela ser transdisciplinar não faz dela uma espécie de ligação natural entre todas as disciplinas, e nem a sua presença no currículo garante essa transdisciplinaridade; 2) a Filosofia tem presença importante na cultura humana há pelo menos 25 séculos. Seu papel na sociedade deve ser compreendido para que não se torne um luxo ou sinal de polimento cultural sem nenhuma finalidade; 3) a Filosofia tem sua especificidade que deve ser respeitada, assim como devem ser reconhecidos os pontos de contato com as outras disciplinas; 4) ela constitui-se de uma multiplicidade de perspectivas que precisa ser respeitada. Isso vai se refletir na elaboração do currículo; 5) e como decorrência do item anterior, a Filosofia não é doutrinária⁵.

Conforme o apresentado nesse tópico, que está aberto a discussões, pode ser dividido e apresentado em três etapas distintas: A) nas inovações trazidas pelos docentes – reinventando, sempre que possível, a maneira de ensinar a filosofia como disciplina; B) O material didático – antes contávamos apenas com a tríade livros, lousa e giz, e com a voz do professor – como se fosse a vontade transformada na capacidade vocal e comunicativa do docente, para que se pudesse ministrar uma boa aula; C) A gama de recursos didáticos e midiáticos disponíveis que confere ao professor uma possibilidade imensa de reestruturar sua maneira de ensinar, assim como os alunos dispõem de recursos tecnológicos para potencializarem a aprendizagem. Exemplos não faltam: livros; aplicativos para celulares, vídeos, filmes, sites, jogos, softwares, web conferências, e tantos outros.

Da necessidade de inovação metodológica para o ensino da filosofia.

Atualmente, no contexto de obrigatoriedade da disciplina de Filosofia no Ensino Médio, muito se tem afirmado que a prática da Filosofia na escola deve despertar, sobretudo, o senso crítico, através de questionamentos em relação ao cotidiano e temas que o cercam. Em outras palavras, o ensino de Filosofia deve desenvolver um conhecimento de caráter universal, que visa a potencialização de uma educação que não se concentra apenas na sala de aula e na escola, mas “uma educação que ultrapasse os muros da escola, fundamentando, assim, a importância da *reflexão filosófica* do aluno”⁶.

Nesse sentido, desenvolver um ensino de filosofia eficaz, pressupõe não só a utilização dos textos clássicos dos filósofos que fizeram e promoveram a perpetuação da filosofia como apenas mais uma disciplina do currículo, mas como um distintivo que possibilite o desenvolvimento da criticidade dos alunos do Ensino Médio por meio de um tratamento contextualizado⁷ do programa da disciplina. O programa da disciplina segundo Rodrigo:

⁵ CAMPANER, Sônia. *Filosofia: Ensinar e Aprender*. São Paulo: Livraria Saraiva. 2012, p. 25.

⁶ ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: Introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 1996, p. 23.

⁷ De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio a centralidade da interdisciplinaridade, é entendida como “eixo estruturante a ser privilegiado em toda formação curricular e o modo como devem ser tratados os conhecimentos filosóficos”, conforme se pode ler expressamente na Resolução 03/98, como se segue: no§ 2o, alínea b do Artigo 10 – “As propostas pedagógicas das escolas deverão assegurar tratamento interdisciplinar e contextualizado para os conhecimentos de filosofia. Assim, o papel da Filosofia fica alargado e poderemos, a partir de qualquer posição em que estivermos, ajudar a pôr em marcha a cooperação entre as diferentes perspectivas teóricas e pedagógicas que compõem o universo escolar” MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio*. Brasília, DF, 2000, p. 45-46.

O programa de disciplina corresponde ao planejamento do trabalho a ser desenvolvido durante o ano letivo, definindo em termos genéricos seus objetivos, conteúdo, avaliação e bibliografia. A implementação desse programa no cotidiano da sala de aula demanda uma planificação mais detalhada e específica de suas diferentes etapas. A formulação de unidades didáticas ou unidades de programação atende a essa necessidade, ao configurar articuladamente o conteúdo e conjunto de atividades que compõem cada tópico de programa da disciplina⁸.

Dessa forma, é necessário compreender que o ensino da filosofia pautado na inovação das metodologias deve:

A Levar esses adolescentes a experienciarem essa atividade reflexiva de compartilhamento desse processo de construção de conceitos e valores, experiência eminentemente pessoal e subjetivada, mas que precisa ser suscitada, alimentada, sustentada, provocada, instigada. Eis aí o desafio didático com que nos deparamos.⁹

Sobre a relação entre ensino de filosofia e inovações metodológicas como possibilidade o despertar da capacidade reflexiva do aluno, as Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais (2013) ao tratarem “representação e comunicação” defendem que, em primeira instância, o professor de Filosofia deve despertar no aluno a capacidade de reflexão e problematização, ou seja, o fazer filosofia filosofando, por meio da “análise interpretativa”.¹⁰

Essa análise interpretativa não deve ser desarticulada dos demais conteúdo do cotidiano escolar, sem estabelecer uma relação entre a teoria e prática, pois as informações recebidas não apresentam relações com a realidade. Não é necessário, nem defendemos essa prática aqui, que o professor de filosofia abandone os textos clássicos de filosofia, pois, Chauí (2009) justifica que somente a leitura dos clássicos possibilita a compreensão primeira dos discursos proferidos pelos filósofos em suas obras.

Porque a filosofia é um discurso dotado de características próprias, a iniciação a ela encontra um caminho seguro no ensino da leitura dessa modalidade de discurso, a fim de que os alunos aprendam a descobrir, no movimento e na ordenação das ideias de um texto, a lógica que sustenta a palavra filosófica para que possam analisá-la e comentá-la, primeiro, e interpretá-la, depois.¹¹

O desafio que se lança ao professor de filosofia no Ensino Médio, portanto, é da necessidade de reflexão e discussão constante, sobre os pressupostos epistemológicos e conteúdo de suas práticas educacionais visando um ensino que favoreça a formação da

⁸ RODRIGO, Lidia Maria. *Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio* – Campinas, SP: autores associados, 2009, p.99.

⁹ SEVERINO, Antônio Joaquim. O ensino da Filosofia: entre a estrutura e o evento. In: GALLO, Sílvia; DANELON Márcio; CORNELLI, Gabriele (Orgs.). *Ensino de Filosofia: teoria e prática*. Ijuí: Unijuí, 2004, p. 108.

¹⁰ Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Ciências Humanas e suas Tecnologias. Brasília, DF, 2013, p.47. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CienciasHumanas.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2013.

¹¹ CHAUÍ, Marilena. Prefácio. In: MARÇAL, Jairo. (Org.). *Antologia de textos filosóficos*. Paraná: SEED, 2009, p. 12.

críticidade do aluno, que estes se tornem reflexivos e que saibam resolver problemas das mais diversas naturezas¹². Nesse sentido, torna-se urgente a perspicácia dos professores de filosofia da contemporaneidade em se comprometer com a um discurso portador de propostas interdisciplinares. Estes devem se perceber como permanentes aprendizes, na busca de possibilidades que favoreçam a permanência da Filosofia como disciplina no Ensino Médio beneficiando os alunos uma aprendizagem significativa. As inovações, reestruturações, reinvenções, reavaliações são as marcas da contemporaneidade, novos tempos da Educação – E se tratando do Ensino de Filosofia, é urgente a adesão desses novos métodos e propostas da Educação da contemporaneidade – para que de fato, a filosofia se efetive não só como mais um componente curricular na Educação Básica, mas que de fato cumpra o seu papel norteador da visão crítica dos alunos da era digital, do século XXI.¹³

Nesse contexto, a possibilidade de inovação metodológica se coloca como um grande desafio a ser assumido pelo professor de filosofia, que objetivam a superação da visão rígida da filosofia como uma disciplina fundamentada na rigidez e na falta de entendimento dos alunos. É preciso cuidar dos discursos que se apresentam no cotidiano escolar. A inovação metodológica não pode se constituir a partir de métodos irrefletidos a serem ensinados aos professores, mas de um processo de cuidado e de aproximação dos meios que contribuem com a produção de conhecimentos sejam eles acadêmicos ou no cotidiano escolar, isso está ligado a uma mudança de atitudes, isto é, uma reaproximação do professor de Filosofia da Universidade. Mesmo com certa “aptidão” o profissional não pode ficar isolado no contexto pedagógico autônomo, e, nele mesmo se enquadra a necessidade de uma variação metodológica, ou nas palavras de Rodrigo:

Em que pesem todas as ilusões e equívocos do passado sobre o modo de emprego da aula expositiva, isso não deve levar a sua pura e simples exclusão, como pregam alguns. Essa técnica de ensino permanece importante, pelas razões apontadas anteriormente. Mas é preciso renovar o formato da preleção e mesclá-la com outros procedimentos didáticos, adotando formas mais interativas, que solicitem o envolvimento intelectual do estudante e não apenas sua presença física.

14

Diante disso, quais possibilidades surgem e que exigências trazem esse reconhecimento da necessidade da variação metodológica no Ensino de Filosofia? Quais os parâmetros, que serviriam de base para legitimar um Ensino de Filosofia inovador já que os

¹² “[...] Em sua maior parte encontra-se em escolas públicas com precária qualidade de ensino, sendo portadora de graves deficiências educativas, tanto do ponto de vista linguístico como em relação a referências culturais de caráter mais amplo”. RODRIGO, Lídia Maria. *Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio* – Campinas, SP: autores associados, 2009, p. 1.

¹³ Em um mundo em que a tecnologia evolui em uma enorme velocidade e proporciona revoluções em diferentes campos, a educação não pode ficar de fora de sua área de influência (...). Não há dúvidas de que é urgente a necessidade de mudar a forma como os conhecimentos são trabalhados na sala de aula. Mas isso não pode ser feito de forma irrefletida: antes de se modernizarem as escolas, é fundamental que sejam compreendidos aqueles que são os maiores interessados nisso tudo: os estudantes.

Saber que eles usam celulares e estão nas redes sociais não é o suficiente para se entender sua verdadeira relação com a tecnologia e a internet – e, portanto, para se deduzir como esses recursos podem ser usados para beneficiá-los. PRADO, Ana. *Entendendo o aluno do século 21 e como ensinar essa nova geração*. Editora Geekie, 2015, p.3. Disponível em: <www.geekie.com.br>. Acesso em: 28 jun.2016.

¹⁴ RODRIGO, Lídia Maria. *Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio* – Campinas, SP: Autores associados, 2009, p.74.

maiores envolvidos acabam por ser os próprios alunos? Seriam aquelas metas norteadoras das chamadas políticas públicas e/ou socioeconômica/educativa: direito à Educação plena; direito a cidadania; direito a justiça e o direito a igualdade que constituem um slogan da chamada “Pátria Educadora”?

Conclusão

Tais questionamentos direcionados às repetidas formas de ensinar filosofia no Ensino Médio oferecem uma proporção bem significativa aferida para o desempenho da noção dos professores sobre suas variações metodológicas autônomas e afastadas, por algum motivo, da universidade. Assim admite-se que o professor não é dono de uma verdade pronta e acabada do conhecimento, mas um sujeito que busca a coletividade, por meio da análise da pesquisa¹⁵ e busca de inovação para as disciplinas integrantes do Currículo do Ensino Médio. No nosso caso, a Filosofia; que deve fornecer a possibilidade de percepção daquilo que há de comum nas disciplinas – a abordagem de um componente que dialogue com os demais – além de reforçar o interesse e a motivação dos alunos.

A busca pela inovação metodológica deve fornecer ao professor de filosofia a construção de um conhecimento global, sem perder aquilo que é próprio de cada método, o que importa é reconsiderar a linguagem de cada um afim de que se supere a fragmentação do saber. A necessidade de inovação no ensino de Filosofia também não pode ser concebida como um conjunto de regras, uma vez que é um processo que flui e se potencializa gradualmente no cotidiano escolar em consonância com a universidade conforme o empenho dos vários atores do processo educativo.

Finalmente, ao contrário do que defendem muitos críticos do ensino da Filosofia no Ensino Médio, a presença desta disciplina associada aos textos filosóficos em conexão com os demais componentes curriculares e recursos tecnológicos da contemporaneidade, constitui uma conexão entre teoria e a prática efetiva do ensino de filosofia, pautada nas compreensões filosóficas bem como didáticas em que docentes sejam eles, Universitários ou da Educação Básica, e, educandos estão como que, subordinados, das práxis da educação que se constitui de: instrução/informação/conhecimento/sabedoria, implicando em uma didática específica. Segundo Rodrigo:

Parece fazer sentido, portanto, uma didática específica ou didática de disciplina, como preferem alguns, na qual o que está em jogo é a intersecção dos conhecimentos de determinada especialidade com a sistemática de sua transmissão, na qual a conversão do saber científico em conhecimento escolar deve processar-se pelo ângulo da especificidade de determinado conteúdo.¹⁶

Essa possibilidade de inovação e aplicação metodológica no ensino de filosofia acaba por culminar em alguns intuítos comuns, como a transversalidade ou interdisciplinaridade que possuem por si só a finalidade de, segundo Adas:

¹⁵ Um bom professor de filosofia do ensino médio deve saber pesquisar, ter passado pela experiência de pesquisador, pois desenvolverá técnicas que, mais tarde, lhe serão úteis no trabalho de docência. Evidentemente, os professores que assumem elevadas cargas de trabalho docente têm seu tempo para aprender a elaborar projetos de mestrado e doutorado, será menor do que o tempo de quem se dedica prioritariamente a atingir esses objetivos, mas isso não significa que ele esteja incapacitado para tanto. JÚNIOR, José Benedito de Almeida. *Metodologia do ensino de Filosofia*. Uberlândia MG, 2007, p. 4. Disponível em: <<http://www.laefi.defil.ufu.br/Arquivos/metodologiadocensino.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

¹⁶ RODRIGO, Lidia Maria. *Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio* – Campinas, SP: autores associados, 2009, p. 32.

Oferecer condições conceituais, enunciativas e argumentativas para que os alunos organizem, ainda que minimamente, a avalanche de informações sobre os problemas selecionados, filtrando-os por assim dizer pela construção paulatina de uma perspectiva cultural e histórica acerca dos mesmos. Em outras palavras, isso implica franquear-lhes uma visão mais ampliada dos fatos aparentemente desconexos divulgados na imprensa em geral, com o apoio de discursos quase ausentes nos meios destinados ao grande público, isto é, justamente o filosófico e das demais ciências humanas.¹⁷

Toda a prática interdisciplinar do ensino de filosofia está longe de criar no professor ou mesmo nos adolescentes a uma eventual adesão a propostas ideológicas de doutrinação e possível adesão ao dogmatismo.

A Filosofia é condição primordial para que se revistam de uma postura crítica frente aos dogmas que impregnam não só o senso comum da contemporaneidade ou pós-modernidade¹⁸, mas também os dogmatismos que perpassam até mesmo as mais sofisticadas e variadas formas de discursos, começando pelo incluído como válido, universal, científico. Isto, evidentemente, partindo do pressuposto de que os professores de Filosofia, a conceba e a pratique de forma crítica, entendendo que, numa categoria epistemológica, esta é um distintivo intelectual marcado pela exigência de uma inovação metodológica, de uma visão crítica, ou seja, pela capacidade de relativizar e de situar filosoficamente os conceitos e valores, apoiando-se não somente nos nexos de inteligibilidade da linguagem erudita, mas de sua legitimidade que une os diversos aspectos de nossa existência, articulando, de modo rigoroso e radical, o cotidiano escolar que não está desconectado do nosso existir.

Referências

ADAS, Sérgio. *Propostas de trabalho e ensino de filosofia: especificidades das habilidades; eixos temáticos-históricos e transversalidade* – São Paulo, SP: Moderna, 2012.

ALVES, Mauricio Silva. *Espectáculo e evanescência, o eterno versus finitude: A morte é o enigma. A filosofia da vida como recusa do dogmatismo*. Saarbrücken, Alemanha: Novas Edições Acadêmicas, 2015.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: Introdução à Filosofia*. São Paulo: Moderna, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Base Nacional Comum Curricular*. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em 22 de set.2015.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais*. Ciências Humanas e suas Tecnologias. Brasília, DF, 2013. Disponível em:

¹⁷ADAS, Sérgio. *Propostas de trabalho e ensino de filosofia: especificidades das habilidades; eixos temáticos-históricos e transversalidade* – São Paulo, SP: Moderna, 2012, p.11.

¹⁸ Sobre as questões da pós-modernidade consultar: ALVES, Mauricio Silva. *Espectáculo e evanescência, o eterno versus finitude: A morte é o enigma. A filosofia da vida como recusa do dogmatismo*. Novas Edições Acadêmicas, Saarbrücken, Alemanha, 2015.

<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/CienciasHumanas.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2013.

_____. Governo Federal. *Lei n. 11.684, de 02 de junho de 2008*. Altera art. 36 da Lei 9394-96, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF, 2008.

CAMPANER, Sônia. *Filosofia: Ensinar e Aprender* – São Paulo: Livraria Saraiva. 2012.

CHAUÍ, Marilena. Prefácio. In: MARÇAL, Jairo. (Org.). *Antologia de textos filosóficos*. Paraná: SEED, 2009.

HORN, G. B. *Ensinar Filosofia: pressupostos teóricos e metodológicos*. Ijuí: Unijuí, 2009.

JÚNIOR, José Benedito de Almeida. *Metodologia do ensino de Filosofia*. Uberlândia MG, Universidade Federal de Uberlândia, 2007. Disponível em: <<http://www.laeft.defil.ufu.br/Arquivos/metodologiaoensino.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio*. Brasília, DF, 2000.

PRADO, Ana. *Entendendo o aluno do século 21 e como ensinar essa nova geração*. São Paulo, SP. Editora Geekie, 2015. Disponível em: <<http://www.geekie.com.br/>>. Acesso em: 28 jun. 2016.

RODRIGO, L. M. *Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio*. Campinas: Autores Associados, 2009.

SEVERINO, Antônio Joaquim. O ensino da Filosofia: entre a estrutura e o evento. In: GALLO, Sílvio; DANELON Márcio; CORNELLI, Gabriele (Orgs.). *Ensino de Filosofia: teoria e prática*. Ijuí: Unijuí, 2004.